

A ESCOLA DO FUTURO-USP E A CAPACITAÇÃO DE PROFESSORES EM PROJETOS TELEMÁTICOS

Iolanda B. C. Cortelazzo*

O Ensino de Humanidades via Telemática da Escola do Futuro-USP, sob a coordenação desta pesquisadora, realizou um projeto para preparar professores para a gerência de projetos telemáticos, colocando seus alunos em contato com escolas de outras cidades no Brasil e de outros países através de rede internacional (Internet). Essa gerência torna os professores responsáveis pelo desenvolvimento do projeto e pelo envolvimento dos alunos nas atividades de pesquisa e comunicação.

O que se propõe não é uma atividade extracurricular de alunos e professores nem uma simples troca de correspondência entre professores e alunos de diversas origens. O que se propõe é uma participação construtora, colaborativa, conjunta.

Educação a distância via rede de computadores

A rede de computadores pode ser um dos meios mais eficazes de distribuição de informações em educação a distância. Apresenta características que permitem uma interação e uma rapidez não encontradas em outros meios, como texto impresso, áudio ou vídeo. Há, porém, que se combinar este tipo de distribuição com aqueles outros para que toda uma gama de informações não se perca e a aprendizagem possa ser mais completa.

*Mestre em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), onde é professora e pesquisadora do Grupo de Ensino de Humanidades e Telemática da Escola do Futuro-USP.

Fundamental é o contato humano, ainda que por tutoria através do telefone, durante todo o período dos cursos. Ressalta-se que, no momento de envolvimento e sensibilização, esse contato face a face é necessário, para quebrar resistências e conseguir o trabalho em rede no sentido profundo da expressão. Só se pode ter um trabalho em rede, se os indivíduos participantes estiverem dispostos a compartilhar seus conhecimentos e experiências e abertos para receber novas idéias e informações interagindo uns com os outros. O trabalho via computador pode fracassar se não houver uma cultura de trabalho em rede anterior.

A monitoria do curso deve estar atenta para a participação dos inscritos no curso. Os estilos de aprendizagem dos indivíduos são diferentes e o(s) monitor(es) deve(m) estar atento(s) a esse detalhe. Há aqueles que são autodidatas e, raramente, precisam estar interagindo com o monitor; mas a experiência em ensino aprendizagem mostra que há indivíduos que necessitam estar sendo incentivados, cobrados, acompanhados: o trabalho é dele, mas existe a necessidade de saber que pode procurar apoio e esse apoio tem que estar lá ou esse aprendiz pode se frustrar e abandonar o curso.

Quando se trata de educação a distância para professores, esse fator é fundamental, pois eles só irão vivenciar com seus alunos esta atitude de acompanhamento se a tiverem experienciado durante a sua aprendizagem. O acompanhamento deve ser periódico, mas constante, e pode ser feito através de telefone, fax, correio regular ou mesmo pela rede de computadores.

Fazendo, refletindo e aprendendo

No segundo semestre de 1996, os professores de quatro centros binacionais de ensino de Língua Inglesa, em quatro regiões diferentes do Brasil, participaram da primeira parte desse projeto de gerenciamento de projetos:

um programa de atualização de professores, sob diferentes abordagens do ensino de Inglês, via rede de computadores. O objetivo não era distribuir informação de um ponto central a todos os professores, dissertando sobre as diferentes abordagens de ensino de línguas e sobre os diferentes estilos de aprendizagem dos alunos. Nem que essa atualização fosse solitária, isto é, em que cada professor teria sua participação sem comunicação com os seus colegas de escola ou de outras escolas. O que se pretendia era que cada professor conseguisse elaborar um histórico sobre essas abordagens; partisse para uma pesquisa mais profunda que lhe interessasse e que respondesse às suas necessidades específicas; que discutisse com seus pares suas dúvidas, crenças e as perspectivas para o século XXI e que vivenciassem os problemas desse tipo de programa.

Houve uma primeira reunião presencial com os coordenadores da Escola do Futuro-Usp e os professores do Centro Cultural Brasil-Estados Unidos (CCBEU) de Santos. Todos os outros contatos, exceto a avaliação final, foram feitos através da Internet, de fax e de telefone. Na reunião presencial, ficou decidido que os professores do CCBEU-Santos, IBEU-CE, SCBEU-Recife e, ICBNA-Porto Alegre estariam se comunicando entre si monitorados pela coordenação do Ensino de Humanidades via Telemática da Escola do Futuro-Usp.¹

Todas as orientações para o desenvolvimento do projeto, com informação sobre Internet, conceitos de comunicação, educação e rede, bem como o cronograma para o segundo semestre de 1996, foram enviados via correio eletrônico para aqueles que já tinham acesso à Internet e via fax aos que não o tinham. As dúvidas eram esclarecidas via correio eletrônico ou pelo telefone.

CCBEU-Santos, coordenadora: Eveline Cavalcanti; Instituto Brasil-Estados Unidos do Ceará, Fortaleza, coordenador: Márcio Motta; Sociedade Cultural Brasil-Estados Unidos de Recife, coordenador: J. Lopes; Instituto Cultural Brasileiro Norte-Americano, coordenadora: Inês Milke.

Em Aberto, Brasília, ano 16. n.70, abr./jun.1996

Nos centros binacionais que tinham o seu próprio provedor de acesso à Internet, em Santos e Fortaleza, cada professor recebeu um endereço de correio eletrônico (email); enquanto que naqueles que tinham somente uma conta de acesso à Internet, como Porto Alegre e Recife, os professores participantes usavam o mesmo endereço de correio eletrônico. Os professores de Santos e Fortaleza podiam acessar a Internet de sua própria casa, enquanto que os professores de Porto Alegre e Recife acessavam a Internet dos centros binacionais. As três questões iniciais eram pessoais e deveriam ser respondidas individualmente. A última deveria ser respondida após discussão em grupo.

A primeira questão pedia ao professor que se apresentasse aos seus colegas, falando de sua formação, de seus gostos e preferências, de si como ser humano. Ao lerem as mensagens de seus pares, constatavam que eram professores diferentes e tinham diferentes estilos de ensino. Na segunda questão, o professor era solicitado a falar de seu aluno, de sua escola e de sua cidade. Dessa forma, os professores estavam se inserindo em suas comunidades e vendo sua escola como parte da comunidade e seu aluno como um outro ser social e não apenas um número em um diário escolar. Ao receberem uns as mensagens dos outros, esperava-se que comparassem as cidades, escolas e alunos e que se inserissem em uma realidade maior do que a de sua sala de aula; que refletissem sobre o ensino e a aprendizagem, realizados com sua participação, e que compartilhassem suas experiências e seus sucessos para a aprendizagem de outros professores e suas dúvidas e fracassos para sua própria aprendizagem, a partir das contribuições dos outros.

Através das mensagens sobre os alunos, os professores poderiam perceber os diferentes estilos de aprendizagem de seus alunos. Nem todos os alunos desenvolvem as quatro habilidades (ouvir, falar, ler e escrever) da mesma forma. Através dessa percepção, o professor poderia desenvolver atividades especiais que auxiliassem as dificuldades específicas de cada aluno.

Ao responder à terceira questão, sobre as abordagens já estudadas e utilizadas durante a sua vivência como professor de Língua Inglesa, esperava-se que cada professor fizesse um retrospecto de sua prática desde o início de sua atividade como professor. Os professores com mais anos de magistério passaram por abordagens tais como a gramatical, a comportamentalista, a funcional, a comunicacional, entre outras. Já os professores iniciantes estariam ensinando dentro da abordagem adotada pela escola em que ensinavam e nenhum contato tiveram com outras abordagens. Do retrospecto e da leitura das mensagens dos professores dos outros centros, cada professor menos experiente aprendia com seus pares e todos tinham a oportunidade de recolher o que mais lhes interessava para a reflexão sobre as abordagens de ensino de línguas mais efetivas e eficazes, enriquecendo a sua prática pedagógica.

A quarta questão colocou uma reflexão para os professores sobre as perspectivas do ensino de línguas estrangeiras no século XXI. Dessa vez, a discussão entre os professores nas escolas em que ensinavam era importante para a redação da mensagem para seus colegas. Mais ainda, era fundamental, pois a mensagem deveria ser coletiva.

Avaliação

Ao acompanhar a comunicação entre os professores das diversas cidades, não me detive profundamente nos conteúdos de suas mensagens, mas na observação de que essas comunicações aconteciam, que o cronograma estava sendo seguido e as mensagens estavam sendo respondidas. Constatei que os centros de Recife e Porto Alegre eram menos participantes, os espaços entre as mensagens eram cada vez maiores, e muitas vezes, muitos não respondiam. Já em Fortaleza e Santos, o

cronograma foi seguido como se esperava. Outra constatação foi a de que alguns professores tomavam a iniciativa de mandar mensagens com comentários a esta coordenadora, mas a maioria limitava-se a responder as questões propostas nos programas, sem uma efetiva comunicação entre si.

Ao serem cobrados por esse tipo de comunicação, que foi unilateral de cada lado, pela ausência da discussão via correio eletrônico, sobre os estilos de aprendizagem de seus alunos e sobre as abordagens de ensino de Língua Inglesa, os professores demonstraram que esperavam que a coordenação indicasse todos os passos que deveriam ser dados e formulasse as questões para a discussão. Discutimos sobre a autonomia da aprendizagem e percebemos, coordenação e professores, que todos estamos tão acostumados a sermos guiados e cobrados o tempo todo que, apesar de sempre solicitarmos autonomia, esperamos que nos dêem todas as diretrizes a serem seguidas. Discutimos também o conceito de comunicação como uma via de mão dupla e interativa e a necessidade de se ver o professor como profissional e participante de uma coletividade e não como um solitário, com suas frustrações e problemas.

Como resultado positivo da avaliação, os professores decidiram continuar esse trabalho, em 1997, com uma nova perspectiva e uma participação maior.

Constatou-se, ainda, que o fato de os professores de Recife e Porto Alegre não terem acesso individual à Internet prejudicou a sua participação no projeto. Esses professores deveriam estar presentes aos seus centros para poderem passar as mensagens a uma terceira pessoa que as enviaria via Internet, enquanto que os professores em Santos e Fortaleza puderam mandar, diretamente, as mensagens de suas próprias casas ou do Centro de Aprendizagem a qualquer tempo livre que tivessem.

Concluindo, constatei, também, que professores e alunos, formadores e professores, devemos passar por um processo de aprendizagem autônoma que difere em muito da presencial. Não basta usarmos os meios disponíveis ou usarmos uma linguagem específica. É necessária a monitoria do coordenador ou do professor acompanhando não só os procedimentos, mas também os conteúdos, para um *feedback* imediato que conserve o estímulo e o envolvimento acesos. Professores e coordenação, consideramos esta experiência a distância bem-sucedida, na medida em que nos permitiu uma comunicação com nossos pares e o conhecimento de suas realidades, e que refletimos e auto-avaliámos criticamente nossa participação, tomando decisões de continuidade e replanejamento para 1997.

O professor não é mais e nem consegue ser o depositário de todo o conhecimento. Ele tem que se comunicar e colaborar com seus pares, para se manter atualizado, acompanhar as transformações para poder exercer seu papel de orientador, mediador e estimulador de seus alunos (Cortelazzo, 1994, p.4).²

² Trabalho apresentado, no GT Comunicação e Educação, durante a 17ª Reunião Anual da Anped, de 23 a 27 de outubro de 1994, em Caxambu, sob o título "A telemática fazendo repensar a educação e a comunicação". Abstract em Boletim Anped, n.1, p.206-207, out. 1994.